

OUTROS CAMPO

OUTROS DES

CONSIDERAÇÕES SOBRE FAM

AMOR, GÊNI

SEXUALIDADE NO

OUTROS CAMPOS,
OUTROS DESEJOS?
CONSIDERAÇÕES SOBRE FAMÍLIA,
AMOR, GÊNERO E
SEXUALIDADE NO PIAUÍ

FABIANO SOUZA GONTIJO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, BRASIL

OUTROS CAMPOS, OUTROS DESEJOS? CONSIDERAÇÕES SOBRE FAMÍLIA, AMOR, GÊNERO E SEXUALIDADE NO PIAUÍ

Resumo

O Piauí – suposta terra de “cabra macho” será tomado aqui como referência de base na tentativa de compreender as transformações e as novidades do sistema de classificação sexual brasileiro na “era da globalização”. Serão apresentados alguns resultados parciais de pesquisas qualitativas que tentaram caracterizar algumas narrativas biográficas homossexuais piauienses, em particular no que diz respeito às vivências da família, do amor, das relações de gênero e dos relacionamentos afetivos. Trata-se, assim, de entender a maneira como as diferenças sexuais culturalmente construídas são transformadas em hierarquias e, logo, em desigualdades sociais, na tentativa de gerar subsídios teóricos e metodológicos para combater essas desigualdades e promover o respeito à diferença e a conseqüente construção da cidadania plena desses grupos sociais, principalmente para instigar a discussão sobre as experiências homossexuais em um contexto periférico.

Palavras-chave: Família, amor, gênero, sexualidade, biografias, Piauí

OTHER FIELDS, OTHER DESIRES? CONSIDERATIONS ABOUT FAMILY, LOVE, GENDER, AND SEXUALITY IN PIAUÍ

Abstract

The state of Piauí – supposed to be the land of the “macho men” – will be taken here as a basic reference in an attempt to understand the changes and the new features of the Brazilian system of sexual classification in the “age of globalization”. We will present a partial result of a qualitative research that had tried to characterize homosexual biographical narratives, particularly in regard to what homosexual people mean by family, love, gender, and affective relationships. Sex differences are culturally constructed and transformed into hierarchies and social inequalities. We will try to propose some theoretical and methodological frameworks to challenge these inequalities and instigate the discussion about homosexual experiences in a peripheral context.

Keywords: Family, love, gender, sexuality, biographies, Piauí

OUTROS CAMPOS, OUTROS DESEOS? CONSIDERACIONES SOBRE LA FAMILIA, AMOR, SEXO Y SEXUALIDAD EN PIAUÍ

Resumen

El Piauí – que se supone tierra de “macho” – se toma aquí como un punto de referencia en un intento de entender los cambios y novedades del sistema brasileño de clasificación sexual en la “era de la globalización.” Se presentan algunos resultados parciales de los estudios cualitativos que han tratado de caracterizar algunos relatos biográficos piauienses homosexuales, en particular con respecto a las experiencias de la familia, el amor, las relaciones de género y las relaciones afectivas. Intenta-se, así entender cómo las diferencias de sexo culturalmente construyedas se transforman en jerarquías, y luego en desigualdades sociales, en un intento de generar sustratos teóricos y metodológicos para combatir las desigualdades y promover el respeto por la diferencia y la consiguiente construcción de la plena ciudadanía de estos grupos sociales, y especialmente para instigar a la discusión sobre las experiencias homosexuales en un contexto periférico.

Palabras-clave: Familia, amor, género, sexualidad, biografías, Piauí

APRESENTAÇÃO

Em 1º de abril de 2011, num jogo tenso da Superliga Masculina de Vôlei, o jogador Michael, do Vôlei Futuro, de Araçatuba, São Paulo, é recebido por uma torcida adversária do Sada/Cruzeiro, de Contagem, Minas Gerais, jogando em casa, que gritava “bichal bicha!” a cada um de seus saques. Sob pressão da torcida, o time mineiro vence. Quatro dias depois, em entrevista à revista esportiva *Lance!*, Michael assume ser “gay”. O drama social está instalado. Em 9 de abril, o Sada/Cruzeiro, jogando em Araçatuba contra o Vôlei Futuro, é recebido por uma torcida “pintada de rosa”, de acordo com os noticiários, manifestando-se contra a discriminação sofrida pelo jogador da casa. Sob os olhares da mídia nacional, o Vôlei Futuro vence a partida¹.

Um mês depois do ocorrido em Araçatuba, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), exibe o que teria sido o primeiro beijo “gay” da teledramaturgia brasileira: a jornalista Marina (Giselle Tigre) e a advogada Marcela (Luciana Vendramini), personagens do núcleo “anti-ditadura” da novela *Amor e Revolução*, se beijam. A emissora teria barrado os segundo e terceiro beijos entre as duas personagens, em setembro, de acordo com alguns sites na internet (informações confirmadas pelas atrizes)².

Em maio, a Rede Globo de Televisão começa a transmitir o quadro “Valéria e Janete no Metrô”, dentro do programa humorístico semanal *Zorra Total*, que logo se torna o carro-chefe do programa. O quadro é protagonizado por Rodrigo Sant’Anna, no papel da

auto-designada transexual Valéria, e Thalita Carauta, Janete. O sucesso do quadro é tal que a Rede Globo prevê um programa exclusivo para as duas personagens, com ênfase em Valéria. Alguns meses antes, em 2010, o site Youtube recebe o maior número de acessos jamais registrados por brasileiros no pequeno vídeo da também auto-designada travesti Luísa de Marilac, o que lhe rende grande projeção midiática e, a partir daí, o convite para a participação em diversos programas de televisão brasileiros, dando maior visibilidade à vida de travestis e transexuais brasileiras no Brasil e no exterior. Luísa grava o pequeno vídeo para responder àqueles que diziam que ela estaria passando por momentos de dificuldade na Espanha.

Em 5 de maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal, respondendo a duas ações ajuizadas anteriormente no mesmo Tribunal, reconhece, em decisão unânime, a equiparação da união entre pessoas do mesmo sexo à união entre pessoas de sexo oposto. Assim, o que é estabelecido pelo artigo 1.723 do Código Civil que reconhece a união estável entre pessoas do sexo oposto como entidade familiar seria estendido a casais do mesmo sexo.

Em comum, esses e outros eventos têm, por um lado, o fato de terem sido amplamente divulgados pela mídia – ou de terem se servido da mídia aberta para ampla divulgação –, em todas as suas vertentes e tendências, sempre gerando os mais diversos comentários, aparentemente mais positivos e favoráveis à luta contra a discriminação

do que negativos. Essa divulgação parece estar diretamente ligada ao contexto social e político marcado pela extensão das políticas de reconhecimento, pela ampliação dos direitos diferenciados e pela consolidação da era dos direitos humanos. Por outro lado, esses eventos podem ser significativos de uma época de contestação das grandes verdades e dos saberes instituídos que tornavam a heteronormatividade hegemônica e definiam os padrões rígidos de masculinidade e feminilidade e, logo, as identidades de gênero.

É nesse contexto de visibilização e – por que não dizer? – permissividade que desenvolvemos, desde 2008, uma série de pesquisas sobre a vivência das relações amorosas e a construção social e a formulação cultural da concepção de família por sujeitos que se identificam como homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais no contexto periférico nacional do estado do Piauí. O que é a “nova família” de que falam alguns pesquisadores das ciências sociais (Melo 1999, 2005; Uziel 2002, 2007)? O que amalgama as relações entre duas pessoas? O amor (Amaral 2011)? O que é o amor para sujeitos que se identificam como homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais? Que relação pode haver entre homossexualidade e gênero, tendo como pano de fundo a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo na base da genealogia da ontologia de gênero (Butler 2003)? Como se definem as masculinidades e as feminilidades nesse contexto de contestação?

FAMÍLIA, AMOR, GÊNERO E SEXUALIDADE

Ao escreverem sobre a solidariedade e o estabelecimento de vínculos sociais no então conturbado momento de estruturação da modernidade e do industrialismo enquanto novo modelo societal ocidental, Durkheim (1975), por um lado, e Simmel (1988), por outro, acabaram por gerar subsídios para a manutenção de um certo status quo definido pela modernidade e pelo industrialismo. É assim que Durkheim afirma que a família moderna se centraria mais nas pessoas do que nos bens, como a família “tradicional” do Ancien Régime. Os esforços da família se concentrariam em alguns poucos filhos e as relações entre os membros seriam mais personalizadas. O funcionamento e a forma da família dependeriam da morfologia da sociedade e, assim, o enfraquecimento do “comunismo familiar” estaria diretamente ligado ao fortalecimento do individualismo (Durkheim 1975).

Já para Simmel (1988), o núcleo duro da família seria a relação entre a mãe e o filho (universal) mais do que a relação entre o marido e a mulher (particular). Simmel avança que a apropriação privada dos bens teria incitado a transmissão do patrimônio e da herança baseada no sangue, assim fortalecendo a ideia de paternidade e a necessidade da fidelidade conjugal (por parte da esposa), donde a monogamia e o amor. Para ele, a entrada em vigor do casamento monogâmico, decorrente de circunstâncias econômicas e sociais, teria levado ao sentimento específico

de amor e à necessidade da fidelidade. Na modernidade, porém, o sentimento é que levaria ao casamento:

“Assim como o amor foi a consequência do casamento, até que o casamento tenha se tornado uma consequência do amor, assim também o amor é uma consequência da procriação da nova geração, até que se instale o estado inverso conhecido hoje em dia. Essas duas inversões revelam bem claramente que a evolução histórica, partindo do interesse social e da norma social, leva cada vez mais ao critério do interesse pelo indivíduo: o casamento representa o interesse social diante do interesse individual do amor, e no seio de uma outra categoria, a existência e a assistência à nova geração representa o interesse social diante da causa pessoal do casamento.” (Simmel 1988: 54, nossa tradução³)

Mais do que descrições das relações sociais vigentes nos séculos XIX e XX, essas análises podem ter servido de base ideológica para a estruturação das relações sociais ortodoxas típicas da modernidade, dentre as quais as relações de gênero. Essa base ideológica é que estaria sendo questionada nas últimas décadas, levando ao surgimento – ou à visibilização – das “novas famílias”, “novas conjugalidades”, “novas parentalidades”, “novo homem”, “nova mulher”, etc e à projeção midiática dessas “novidades”, num momento de luta por reconhecimento, respeito à diversidade sexual e consolidação dos direitos diferenciados.

Para Bourdieu (1993), no entanto, a família é – como toda instituição moderna –

uma “ficção bem fundada”, uma palavra de ordem, um princípio coletivo de construção da realidade coletiva. A família, como categoria social objetiva (estrutura estruturante) estaria no fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria que é o princípio de milhares de representações e ações (os casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. O acordo quase perfeito que parece se estabelecer entre categorias subjetivas e categorias objetivas funda uma experiência do mundo como evidente, natural, não questionada; e nada parece mais natural e universal do que a família e o sentimento de que é a depositária, o amor. E nada parece mais natural do que a configuração bipolarizada das relações de gênero.

Se a família se torna, assim, uma “estrutura estruturada estruturante”, analogamente “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real” e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem sucedida”, como diz Butler (1993: 58), ou seja, como uma estrutura estruturada estruturante na base da família, das relações amorosas, dos papéis e identidades de gênero e dos arranjos sexuais e do desejo.

Baseando-se nessa perspectiva, iniciamos nossos trabalhos sobre as experiências conjugais e parentais homossexuais em Teresina com uma etapa exploratória de base quantitativa no intuito de captar ideias, noções, categorias e representações acerca, por um lado, dos relacionamentos e sentimentos que unem duas pessoas do mesmo sexo e, por outro, da família.

Os resultados preliminares dessa pré-pesquisa foram apresentados em outras ocasiões e publicados em forma de capítulo de livro (Gontijo, Sousa e Evangelista 2008). Atualmente, estamos em meio à realização de conversas guiadas e entrevistas e observações.

CONTEXTO

Apresentaremos, a partir daqui, num primeiro momento, os principais resultados parciais da etapa exploratória e, em seguida, uma seleção de trajetórias de sujeitos piauienses que se identificam como homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais, dando ênfase à maneira como, através de seus discursos sobre si e sobre o mundo, dão coerência e sentido a sua existência no contexto das grandes transformações ideológicas apontadas acima.

Dos 147 entrevistados que se diziam homossexuais, lésbicas, travestis e transexuais, todos disseram ter tido pelo menos um relacionamento afetivo caracterizado como “namoro” ou “casamento”. O relacionamento mais duradouro foi de menos de um ano para um terço e de um a três anos para outro terço dentre os sujeitos – os relacionamentos mais duradouros foram os das mulheres, dos sujeitos mais velhos, de maior renda e, curiosamente, de menor escolaridade. O relacionamento mais duradouro terminou por causa do “ciúme” e da “infidelidade” para as mulheres, por causa de “infidelidade” e “brigas” para os homens; por causa de “brigas” e “incompatibilidade” para os mais velhos e de “infidelidade” e

“desinteresse pelo parceiro” para os mais novos. Para as mulheres, o relacionamento ideal deve ser pautado no “respeito”, no “amor” e no “compartilhamento”, ao passo que para os homens, na “fidelidade”, na “confiança” e na “lealdade”, o que parece demonstrar um medo “marcadamente” masculino de ser traído e um desejo “marcadamente” feminino de estar-junto.

O amor é definido por mais de 50 termos diferentes, sendo que para os homens representa “confiança” e “fidelidade”, para as mulheres, “cuidado”, “companheirismo” e “respeito” e, enfim, para as travestis e transexuais, o amor “não existe” ou é uma “ilusão”. Os mais velhos se mostram mais altruístas em suas definições, enquanto os mais novos se mostram mais sentimentais e os menos escolarizados e de menor renda são os que mais citam termos negativos (decepcionados). Os homens, assim, parecem buscar a complementaridade na constituição de uma relação entre os parceiros envolvidos que é idealizada como assimétrica, o que é notado pela preocupação com a fidelidade, ao passo que as mulheres parecem também buscar a complementaridade, porém, constituindo uma relação idealizada como simétrica, o que é notado através da preocupação com o cuidado, o companheirismo e o respeito e, nesse contexto, as travestis e transexuais parecem amar a todos, de forma quase caritativa, dificilmente mantendo relacionamentos afetivos estáveis.

A família é representada, por um lado, como “base”, “fundamento”, “alicerce”, “laços”, “instituição”, “pais e filhos” e,

por outro lado, como “união”, “laços que superam o sangue”, “pessoas que se gostam”, “pessoas que moram juntas e compartilham momentos bons e ruins” e “amizade independente de sangue”: ou seja, por um lado a família como um dado, um “átomo de parentesco lévi-straussiano” (relações de aliança, filiação e consanguinidade) e, por outro, a família como grupo de amigos e afins escolhidos conscientemente. São os homens, os sujeitos mais jovens e os de menor renda que citam a família como laços de parentesco e vínculos institucionais, algo quase que naturalmente dado, enquanto as mulheres, os sujeitos mais velhos e os de maior renda citam a família como grupo de amigos, algo culturalmente estabelecido e, enfim, as travestis e transexuais vêem na família um lugar de segurança (apesar de ter sido também o primeiro lugar de discriminação).

Assim, para os homens, se a família é a base natural de tudo, a fidelidade e a lealdade devem ser os ideais para o relacionamento que possa reproduzir essa base. Já para as mulheres, se a família é amizade, o relacionamento ideal só pode se fundar também em amizade, amor e companheirismo para reproduzir o compartilhar e o gostar. Já nessa etapa exploratória, podíamos perceber pelo menos duas maneiras diferenciadas de se pensar o amor, os relacionamentos e a família: por um lado, uma visão mais “naturalizadora” e, por outro, uma visão mais “culturalizada” ou – por que não dizer? – “civilizadora”.

Para melhor qualificar essa primeira síntese, procedemos a um conjunto de

entrevistas e conversas guiadas e observações que estão nos fornecendo informações sobre os sentidos dados ao amor, aos relacionamentos e à família, por um lado, e, por outro, sobre a construção social das experiências de gênero, no contexto das transformações sociais e culturais em andamento.

ZECA (PSEUDÔNIMO)

A conversa com Zeca se deu em maio de 2011 em sua casa. Zeca nasceu em 1962, em Picos, numa família de comerciantes. Reside atualmente em Teresina, sozinho, num apartamento pequeno de um dos bairros nobres da cidade, Jóquei. Dirige uma empresa prestadora de serviços a um órgão governamental.

Zeca conta que aos nove anos já sabia que era “gay” (termo por ele usado), embora sua família só tenha “descoberto” sua homossexualidade quando tinha 19 anos. Pelo fato de ser o único “filho homem” de uma família de muitas mulheres, ele ficava encarregado de sair com as irmãs para vigiá-las contra os “gaiatos” que porventura quisessem delas se aproveitar. Mas, aos 19 anos, em 1981, quando conheceu um rapaz cearense, recém-chegado em Picos, começou a sair mais com esse rapaz e a recusar as saídas dominicais com as irmãs. Um dia, um de seus cunhados resolveu contar para o sogro que Zeca estava se encontrando “às escondidas” com um rapaz e que eles deviam estar tendo algum tipo de relacionamento amoroso. O pai de Zeca lhe bateu sistematicamente durante mais de um ano e pediu a todos os tios e

amigos que, se vissem Zeca com algum homem, lhe informassem, dizendo que “preferia ter todas as filhas putas a um filho veado”.

Seu pai lhe batia, lhe perseguia e até lhe amarrava numa espécie de cárcere privado para impedi-lo de se encontrar com homens. Nas brigas com o pai, nenhuma irmã, nem sua mãe, ousavam defendê-lo. Na escola, foi discriminado com frequência, mas, devido à inospitalidade do lar, preferiu não contar a ninguém. Daí os frequentes atrasos em sua formação e o abandono da escola aos 19 anos.

Em 1982, aos 20 anos, Zeca decidiu fugir de casa e romper com a família. “Somente com a roupa do corpo mesmo” foi para Brasília com o namorado cearense. Ao chegar lá, o namorado passou a traí-lo sistematicamente com outros homens e acabou abandonando-o. Trabalhou em cozinha de restaurante para se sustentar, vivendo “de vaga”. Conseguiu terminar o ensino médio e se mudou para Fortaleza, antes de Recife e, enfim, Belém, onde morou por treze anos. Não teve contato com a família durante todo esse tempo.

Quanto aos relacionamentos, diz que teve dois namorados em Brasília, mas só namorava quando tinha dinheiro, já que os namorados só estariam interessados em seu dinheiro. Zeca só se interessava por rapazes que se dissessem heterossexuais e tivessem namoradas ou que fossem oficialmente casados, pois acreditava que, como “gay”, tinha que gostar de “homem macho, homem hetero, né, mas aí depois eu descobri que era uma ilusão, porque a prioridade deles sempre seria a namorada, né”. Quando começou a ficar com

outros “gays”, “afeminados que não são discretos, vi que era só isso que podia dar certo”. Mas, mesmo assim, se decepcionou com garotos que só queriam seu dinheiro. Sempre gostou de rapazes mais novos. Diz não ter guardado nada de bom de nenhum relacionamento anterior a 2009, ano em que conheceu Tarso, já em Teresina. Esses relacionamentos anteriores nunca duravam mais de um ano.

Está em Teresina desde 2005, mas se diz solitário e sem amigos. Voltou a ter contato com os pais que, segundo ele, agora o aceitam por terem percebido que pecaram - diz que seu pai frequentemente insiste, chorando, para que ele volte a Picos, mas Zeca ainda não se sente à vontade para isso.

Conheceu Tarso quando estava namorando um rapaz que “se aproveitava” dele, “como todos os outros”. O que o fez ver que com Tarso seria diferente foi um encontro em que Tarso lhe presenteou com uma rosa, coisa que ninguém nunca havia feito anteriormente.

A partir dos 19 anos, por causa dos problemas com os pais, tomava remédios para depressão e para ansiedade. Por causa dos remédios, sempre teve muita dificuldade em suas relações sexuais, pois, quando era ativo, não conseguia ejacular ou ter ereção completa e, quando passivo, também não ejaculava, o que lhe deprimia ainda mais... Com Tarso, teve vergonha, no início, de dizer que usava esses medicamentos e por isso evitou os contatos físicos por mais ou menos seis meses. Por sinal, chegaram a terminar o relacionamento precisamente porque Tarso achava que

Zeca não se interessava sexualmente por ele. Após conversarem sobre o assunto, os contatos passaram a fluir normalmente, apesar das dificuldades. No início, no entanto, Zeca dizia a Tarso que não podia transar com ele porque era evangélico!

Conta que um sábado foi à igreja, e não tinha mais remédios; lá, “agoniado sem os remédios”, começou a passar mal e desmaiou, num grande “descontrole emocional”. Foi levado para um hospital, onde Tarso o encontrou. O médico informou a Tarso sobre o quadro de dependência química de Zeca. Foi assim que Tarso tomou conhecimento dos remédios que Zeca tomava e prometeu a Zeca que o faria viver sem a necessidade dos remédios. Juntos, procuraram uma psicanalista que ajudou Zeca a se ver livre dos remédios. Em janeiro de 2011, Zeca deixou de tomar os remédios, depois da insistência de Tarso.

Quanto à vida religiosa, Zeca procurou a Igreja Universal para curar sua homossexualidade. Mas, o bispo lhe disse que Deus o aceitava do jeito que ele era, que ele nasceu assim e deveria ser assim: “o que você é, você é, não tem para onde correr”. Na igreja encontrou paz e segurança...

Amor, para Zeca, é a fonte da vida. E, com Tarso, é a confiança, a cumplicidade e a soma, coisas que, diz, nunca tinha experimentado antes.

TARSO (PSEUDÔNIMO)

A conversa com Tarso foi realizada em seu quarto, recém-reformado. O quar-

to destoa do resto da casa da família de Tarso, com decoração de bom gosto, refinada e cara. A família de Tarso é de classe média baixa, mas mora num bairro que tem se tornado um bairro nobre da cidade, com edifícios luxuosos e condomínios de casas. Tarso revelou que foi com a ajuda financeira de Zeca que fez a reforma de seu quarto.

Tarso tem 28 anos, nasceu em 1983, também de uma família de muitas irmãs. Sempre estudou em escolas particulares, inclusive o curso superior em Ciências Contábeis realizado em faculdade particular de qualidade reconhecida na cidade. Não trabalha na área, mas em uma revenda da TIM.

Desde os 12 anos de idade tem certeza de que prefere homens. Nunca tinha tido relacionamentos considerados sérios até o atual, que já dura um ano e seis meses, com Zeca. Aos 22 anos se envolveu de forma mais séria com um rapaz que teve que se mudar para São Paulo. A ruptura foi dolorosa e Tarso diz ter sofrido tanto que seus pais perceberam e, por isso, teve que contar-lhes a verdade. A partir daí, percebeu que a família era a “base de tudo”, já que seus pais, principalmente a mãe, o acolheram com “respeito” (“sou muito respeitado aqui pelo fato de trabalhar”).

Conheceu Zeca enquanto trabalhava: ele conta que eles trocaram telefone e que, logo em seguida, Zeca o convidou para sair. No entanto, não transaram no primeiro encontro. Nem nos seguintes, já que ficaram pelo menos cinco a seis meses se encontrando sem que “consumassem” o relacionamento. Tarso nunca entendia o porquê dessa demora, mas acreditava que Zeca que-

ria que fosse perfeito e tinha medo de dar errado logo na primeira vez; também acredita que Zeca não se sentia à vontade, por ter sofrido muito na vida. Depois da primeira “transa”, disse que o relacionamento ficou perfeito, “com respeito, companheirismo, preocupação, ele passou a vir na minha casa, dormir nos finais de semana aqui”. Para Tarso, o fato de Zeca ser mais velho pode explicar a estabilidade do relacionamento, já que Zeca passou por muitas dificuldades e, com Tarso, tem mais tranquilidade.

Zeca conhece os pais de Tarso e Tarso, os de Zeca e, segundo ele, as famílias os aceitam sem maiores problemas. Até conta uma vez em que os pais de Zeca participaram de uma festa de final de ano na casa dos pais de Tarso, famílias reunidas.

Quanto ao preconceito, Tarso diz nunca ter sido vítima de nenhuma forma de preconceito, nem entre os amigos, nem no ambiente de trabalho, onde todos sabem de sua homossexualidade. Frequenta lugares “heteros, como lugares bem alternativos, ou gays mesmo”. Gosta de balada, shows, música eletrônica, coisas que Zeca não compartilha com Tarso. Zeca é evangélico e prefere barzinho e restaurantes, sem bebida alcoólica ou grande movimentação. Tarso se diz muito cristão, vai à igreja com frequência, mas não tanto quanto Zeca. Tarso gosta de todas as formas de artes e vai com frequência a São Paulo frequentar exposições e teatro, coisa que Zeca compartilha, mas sem grande entusiasmo.

Quando perguntando sobre as dife-

renças entre relacionamentos entre homens e entre mulheres, Tarso diz que o gay é mais “carnal”: os relacionamentos entre homens, segundo ele, se iniciam e se baseiam muito mais na atração física do que o relacionamento entre mulheres; inclusive, seu relacionamento com Zeca está dando certo porque demoraram muito a passar para “a etapa carnal e física”... Para Tarso, os amigos são fundamentais para que o relacionamento dê certo, apoiando e incentivando o casal.

Diz, enfim, que o cotidiano dele com Zeca é “normal”: se ligam várias vezes ao dia, mandam mensagens, trocam presentes, saem para comer juntos... Quando perguntado sobre morar juntos e ter filhos, Tarso diz que ainda está cedo e que não pensam em filhos, nem em morar juntos.

VANESSA (PSEUDÔNIMO)

Vanessa (pseudônimo), por sua vez, foi batizada com o nome de Roberto no final dos anos 1980, em Manoel Emídio, uma pequena cidade do interior do Piauí, numa família de camponeses. Tem duas irmãs e dois irmãos. Em 2000, mudou-se, com a família, para Colônia do Gurguéia, outra pequena cidade piauiense. Tinham casa própria, que o pai vendeu para ir para a Fazenda Santa Clara, em 2004.

A Fazenda Santa Clara é um assentamento rural privado, empreendimento realizado para servir de modelo sustentável de exploração da terra no Brasil, nos municípios de Canto do Buriti e Elizeu Martins, a cerca de 360km de

Teresina. No início do Governo do Presidente Lula, uma grande área na região do Semi-Árido do Piauí, propriedade do estado, foi oferecida à recém-criada empresa carioca Brasil Ecodiesel Indústria e Comércio de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A. para o estabelecimento de um assentamento privado que teria por objetivo a produção de biocombustível à base de mamona. No empreendimento, criado em 2004, foram assentadas mais de 600 famílias, dispostas em 21 células circulares (nomeadas por letras do alfabeto) compostas por 35 famílias cada uma, em volta de um núcleo administrativo central (onde se encontram, além dos escritórios e moradias dos técnicos e administradores, um posto de saúde, uma escola de ensinos infantil, fundamental e médio, um centro de artes, três bares, dois mercados, um salão de beleza, uma oficina para bicicletas e motos, dentre outras facilidades oferecidas pela empresa).

Cada família recebia nove hectares, com a obrigação de dedicar oito à produção da mamona e um à produção para consumo próprio. A terra era cedida ao morador em regime de comodato e, ao final de 10 anos, seria dividida entre as famílias parceiras, que passariam, então, a ser proprietárias da terra. No entanto, as metas de produção nunca foram cumpridas e o projeto fracassou. Atualmente, a empresa administra a produção diversa do assentamento, à espera da data de entrega dos títulos de propriedade a cada família. Vanessa é membro de uma das primeiras famílias assentadas na Fazenda.

Aos 9 anos, teve sua primeira relação erótica com um primo, mais velho – tratava-se de beijos e abraços, configurando-se uma relação com penetração algum tempo depois. Hoje, o primo é casado e pai, mas, por ter-se tratado do primeiro, Vanessa ainda mantém certo carinho – e desejo – por ele.

Em 2003, Vanessa foi para Brasília, onde morou durante sete meses. Inicialmente, na casa de uma amiga; depois, passava parte de seu tempo com uma amiga e o namorado da amiga, e outra parte, com seu namorado, um segurança de hotel. Até então, Vanessa se vestia como menino, passando a vestir-se de maneira mais feminina a partir daí, apesar de continuar usando o nome de batismo. Trabalhou numa lanchonete durante algum tempo, “ambiente cheio de macho”, segundo Vanessa. Saía com seu namorado “vestida de menina” – “botava peruca, maquiagem, tirava sobancelha” – e “eram respeitados”.

Com saudade dos pais, deixou o namorado, sem nenhum aviso, e voltou para o Piauí. Inicialmente, foi morar com uma tia em Canto do Buriti e, em seguida, na Fazenda, com seus pais.

Na Fazenda, sentiu-se muito discriminada, principalmente na escola, já que começou também a usar roupas mais “arrochadas” – shorts curtos e apertados e camisetas que deixavam a barriga à mostra. Conta que adaptava o uniforme escolar ao seu desejo de ser mais feminina (principalmente quando a escola deixou de ser administrada pela Fazenda, como instituição privada, e tornou-se instituição estadual e houve uma mudança de uniforme). Reagiu à

discriminação sendo ríspida e “ignorante” com todo mundo, “xingando e esculhambando” todos. Se sentindo muito discriminada, evitava a escola e acabou adoecendo. Somente após algumas conversas com uma professora, decidiu voltar à escola, ainda que por pouco tempo.

Em maio de 2006, fugiu, “somente com a roupa do corpo”, para Brasília, para reencontrar o namorado lá deixado. Pegou um dinheiro que sua mãe havia tomado emprestado (250 reais) e, como não tinha documentos, ofereceu sexo ao cobrador e ao motorista do ônibus para que aceitassem levá-la até Brasília, principalmente por ainda ser menor de idade. Ao chegar, descobriu que o ex-namorado tinha outra namorada, também “traveco” (termo usado por Vanessa), mas, ainda assim, morou um mês com ele e com a namorada. O ex-namorado pagou a passagem de volta de Vanessa e lhe deu o dinheiro necessário para que ela retribuísse a mãe.

Ao chegar à Fazenda, seu pai e seu irmão tentaram expulsá-la de casa, em vão. Ela abriu o jogo e contou tudo sobre sua vida. Com a ajuda da mãe e da cunhada, seu pai e seu irmão passaram a entendê-la e a aceitá-la. A partir daí, o irmão se tornou seu melhor amigo e protetor. Ela sempre trabalhou na roça com o pai, só não sabe plantar, prefere colher. Ela passou a se assumir totalmente e a se vestir integralmente “como mulher”; adotou o nome de Vanessa após ter se empolgado com uma personagem de novela visto no programa Vídeo Show.

Mora com os pais, uma irmã e a sobrinha, ainda criança. Não se entende

com a irmã que, quando a filha tinha três meses, foi viver com um homem e deixou a criança para ser criada pela avó e por Vanessa. Hoje, a criança chama Vanessa de mãe. Os outros quatro sobrinhos a chamam de tia. O pai e a irmã que moram com ela, chamam-na pelo nome de batismo, Roberto, enquanto a mãe e a outra irmã, também moradora da Fazenda, chamam-na de Vanessa. Na Fazenda, todos a chamam pelo nome feminino, mas muitos referem-se a ela pelo nome masculino, como pudemos constatar durante nossa estadia de um final de semana.

Na escola, todos passaram a respeitá-la, principalmente após o intenso convívio com os colegas proporcionado pela preparação de uma peça de teatro em 2006. A montagem da peça, na Fazenda, mudou sua vida. A peça foi dirigida por um renomado diretor da Rede Globo, levado à Fazenda pelo empresário, e contava a vida de São Francisco. Vanessa fez o personagem de Cristo na peça, mas ficou encarregada também dos figurinos, maquiagem e penteados. Um dos atores, morador da Fazenda, ficava totalmente nu na encenação, o que, segundo Vanessa, não causou espanto à população local, já que todos estavam acostumados aos ensaios frequentes que aconteciam no núcleo da Fazenda.

Na montagem, aprendeu a ser menos rebelde e a respeitar os colegas, daí passou a ser respeitada, segundo conta. E para obter respeito, teve relações sexuais com todos aqueles que a criticavam, como forma de mantê-los

sob controle e conquistar a confiança deles: “assim, eles não podem falar de mim, porque todos já transaram comigo”. Hoje, diz amar a todos e se sente amada por todos.

A peça foi encenada em diversas cidades do Piauí, mas a Fazenda não levou o projeto adiante. Atualmente, está sendo retomada, com financiamento do prefeito de Canto do Buriti e de um vereador, para ser encenada num festival em Juazeiro, Bahia. Vanessa está eufórica e conta que passa parte de seu tempo, quando não está na internet na escola (usando as redes sociais), limpando e cuidando do antigo figurino. Para ganhar algum dinheiro, faz as vezes de maquiadora e cabeleireira, além de figurinista, sobretudo no período junino, com as quadrilhas e encenações de pequenas peças (conta que, este ano, uns professores e artistas locais estão encenando uma peça para alertar a população sobre as queimadas e uma outra, que será encenada junto com a quadrilha local, sobre os riscos da AIDS, já que fala-se de um caso na Fazenda).

Quanto aos relacionamentos, o mais duradouro foi com um rapaz da Fazenda, de 17 anos, atualmente vivendo em outra região. Durou um ano e oito meses e terminou quando Vanessa soube que ele mantinha um relacionamento heterossexual com uma evangélica. Uma noite, bêbada, ela ameaçou a amante e ele foi embora da Fazenda. Mantinha relações sexuais com o irmão do rapaz também, às escondidas. Hoje, mantém relações sexuais com diversos homens da Fazenda, em sua

maioria casados. Ela conta que se senta nos bares e fica à espera, até que um ou outro lhe oferece cerveja ou cigarro e senta-se para conversar com ela. Diz que ninguém desconfia, já que as pessoas acham que se trata somente de amizade – e também porque muitos desses homens já tiveram relações sexuais com ela. Tem trânsito livre entre as casas e bares, pois é muito querida. E pode frequentar os bares tanto para homens, como para mulheres, o que facilita seus encontros amorosos (no núcleo, dois bares são frequentados exclusivamente por homens e o terceiro, por homens e mulheres separadas). Por isso Vanessa diz que “ser traveco é melhor que mulher, a gente vai onde quer e ninguém impede a gente de nada!” Manteve, durante muito tempo, um relacionamento com um homem casado de Colônia do Gurguéia. Ela se tornou amiga da mulher dele e ajudou a criar os três filhos dele, quando lá morou, na casa de sua tia. Conta também que ajudava a mulher a trair o marido com outros homens...

Nunca foi ativa, sexualmente falando, nem imagina o que seja! As relações sexuais acontecem no mato, nas estradas, nas veredas ou nos quartos dos professores e agentes de saúde que são emprestados nos finais de semana, quando estão nas cidades da região, servindo como espécies de motéis de fortuna.

Apesar de ir com certa frequência a Canto do Buriti para beber com as amigas, nunca tem relações com pessoas de lá, nem gosta de frequentar as travestis da cidade, que se prostituem nos cabarés locais e nas estradas que

cortam o Piauí (Vanessa não gosta da prostituição, mas respeita as escolhas pessoais de cada um).

Ela se diz mulher e, sendo assim, sonha em ter peitos fartos, tira os pêlos com pinças e anda maquiada a qualquer hora do dia. Não quer se operar, apesar de rejeitar totalmente seu órgão masculino.

Sua família nunca foi religiosa, mas ela foi batizada na Igreja Católica. Na Fazenda, não há templos católicos, somente cultos evangélicos em algumas células e uma Assembleia de Deus próxima ao Núcleo.

Vanessa se forma este ano no Ensino Médio e não sabe o que vai fazer depois. Gostaria de trabalhar em teatro, com maquiagem e cabelo. Gosta da vida na Fazenda, mas pretende sair para conhecer outros lugares, nunca mais Brasília.

Ela nos fala de um casal de lésbicas “assumidas” que vive numa das células (não são camponesas) e de um menino “provavelmente gay, pelos trejeitos e o jeito de andar, só tem colega mulher”, seu colega de escola. Gostaria de conhecer mais gente “como ela”, como quando esteve em Teresina para a peça de teatro e se sentiu “em casa”.

AURÉLIA (PSEUDÔNIMO)

Enfim, Aurélia (pseudônimo). Trata-se de um dos membros mais ativos do Grupo Matizes de cidadania homossexual de Teresina. Aurélia nasceu em 1963, na pequena cidade de Santa Filomena, no Cerrado piauiense, numa família de camponeses. Desde muito cedo, seus pais a chamavam de

“macho-fêmea”, por considerarem-na muito masculinizada. Aos 8 anos, começou a brincar de casamento com sua prima, com quem manteve contatos físicos erotizados até os 16 anos. Desconfiados, seus pais lhe batiam muito na esperança de que ela se tornasse mais feminina e, aos 16 anos, obrigaram-na a se casar com um homem mais velho. Como não houve relação sexual durante os quatro primeiros meses do casamento, o marido levou-a à casa de seus pais para devolvê-la. Não contentes, seu pai e seu irmão forçaram-na a ter relação sexual com o marido diante deles, o que Aurélia considera como tendo sido uma forma de estupro – “e esse estupro foi gerado no seio da minha própria família”.

A partir daí, Aurélia teve três filhos nesse casamento que durou nove anos. Conta que cada relação sexual com o marido era um novo estupro. O casamento terminou porque seu irmão e seu marido descobriram que Aurélia mantinha um “caso” com uma mulher da cidade. Mandaram-na, então, para um hospital psiquiátrico em Teresina, em 1988, onde Aurélia passou por tratamentos radicais durante quatro meses para “curá-la da homossexualidade”. No hospital, uma das enfermeiras se sensibilizou com a história de Aurélia e ajudou-a a receber alta. Desde então, Aurélia depende de medicamentos para depressão e ansiedade.

Em Teresina, Aurélia se envolveu com uma mulher, com quem viveu durante sete anos, até que descobriu que a mulher lhe traía com um de seus filhos. Dos três filhos de Aurélia, um mora com a avó

em Santa Filomena, uma já é casada e mora em Goiânia e o último, homossexual, mora com uma tia em Cuiabá. Aurélia diz que, apesar da traição de um dos filhos, todos gostam muito dela e a respeitam. Em 2004, conheceu a atual companheira, enfermeira do hospital psiquiátrico onde havia estado internada. Conta que a atual companheira, Rita, quando a conheceu, estava grávida da primeira filha e que deixou o marido para viver com Aurélia. Hoje, Aurélia vive com a companheira e com a sogra de 83 anos. A filha da companheira não se dá bem com Aurélia, apesar de ter sido criada por ela.

A família, para Aurélia, é o primeiro lugar onde experimentou a dor e o sofrimento. Hoje, seus pais, evangélicos, aceitam-na, devido à projeção que ganhou na mídia local a partir do momento em que começou a militar no Grupo Matizes. Família, para ela, é a que constituiu com suas companheiras, “lugar de amor, honestidade e compartilhamento”.

Quanto à discriminação, Aurélia foi a primeira lésbica piauiense a registrar denúncias por ter sido discriminada: uma vez contra um colega no Sindicato dos Trabalhadores da Saúde, onde trabalha; uma segunda vez contra um outro colega no Partido dos Trabalhadores, onde milita; e, enfim, uma terceira vez contra um rapaz que tentou destruir o material usado numa panfletagem de divulgação da Semana da Diversidade de Teresina - em todos os casos, Aurélia obteve êxito e reparação.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Assim, para Zeca e para Aurélia, nossos sujeitos mais velhos, a família parece ser um conjunto de laços instituídos “naturalmente”, base de todos os males, também “naturalizados”, somatizados, daí os medicamentos (um elemento cultural para exterminar a natureza do sofrimento e, até certo ponto, ajudar a esquecer o passado, eliminando a memória e facilitando um futuro melhor) e a fuga ou a internação (uma prática cultural para se distanciar da natureza representada pela família), a procura por uma construção cultural (relacionamento baseado em confiança, amizade), quase sempre frustrada... São duas vidas marcadas por rupturas, por isso procuram fazer do relacionamento algo culturalizador, “civilizador”. E Tarso é a pessoa para civilizar Zeca, como Rita é a pessoa para civilizar Aurélia... Zeca e Aurélia pertencem a uma geração de rupturas, tendo vivido sua juventude entre os anos 70 e os anos 80 e sofrendo os efeitos das primeiras consequências sociais e culturais da AIDS - estigmatizações.

Já para Tarso, assim como para Vanessa, a família também é a base de tudo, mas enquanto grupo de amigos acolhedores, algo culturalmente construído, assim como os amigos (para Tarso e Vanessa) e colegas de trabalho (para Tarso) e de escola (para Vanessa) são vistos como uma grande família. São vidas, não de rupturas, mas de complementaridades, tornando-se culturalizadores e civilizadores - vide o envolvimento de Vanessa com as artes e com a internet, levando à comunidade rural

onde vive informações sobre as novidades do “mundo lá de fora” da empresa. Tarso e Vanessa, apesar de um viver num ambiente urbano e a outra, num ambiente rural, pertencem a uma geração diferente da de Zeca e Aurélia, tendo vivido sua primeira juventude nas décadas de 90 e 2000, uma geração que poderíamos caracterizar como dessencializadora.

Percebe-se, em todos os casos - um pouco menos em Vanessa, devido a sua pouca idade - um desejo de evitar a reprodução do modelo de família moderna, do tipo durkheimiano e simmeliano. Assim, retomando Bourdieu (1993), a família, como categoria social objetiva estaria realmente no fundamento da família como categoria social subjetiva, categoria que é o princípio de milhares de representações e ações que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Mas, é justamente essa categoria social subjetiva que estaria sofrendo importantes modificações, já que a ideologia que a sustenta parece estar sendo questionada. Isso fica claro na tentativa de nossos sujeitos de repensar a assimetria e a hierarquização de gênero, de repensar a violência no seio da família de origem e, enfim, de repensar as bases sobre as quais se alicerçam os relacionamentos amorosos e afetivos. Enfim, em suas experiências “transgressoras”, esses sujeitos estariam ainda reformulando as bases sobre as quais se assentavam os padrões e moldes das relações de gênero...

AGRADECIMENTOS

As pesquisas cujos resultados parciais serão apresentados aqui contam com uma bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ2) para o coordenador (Fabiano Gontijo) e com bolsas de Iniciação Científica do CNPq para os alunos (Pâmela Laurentina Sampaio Reis, Rodrigo Menezes Cruz Cau de Sousa e Francisca Célia Silva Costa). Ao CNPq, nosso agradecimento.

Esta pesquisa está sendo realizada ainda com recursos do Programa de Cooperação Acadêmica - Novas Fronteiras (PRO-CAD-NF), da CAPES, entre os Programas de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e o de Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e do Edital Universal 14/2010-MCT/CNPq.

NOTAS

¹ Informações obtidas nos seguintes sites: 1) <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2011/04/colegas-do-volei-futuro-saem-em-defesa-de-michael-ofendido-em-mg.html>; 2) <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2011/04/bandeirao-camisas-rosas-e-festa-volei-futuro-homenageia-michael.html>

² Informações obtidas nos seguintes sites: 1) <http://www.adnews.com.br/tv/115205.html>; 2) <http://www.sbt.com.br/amorerevolucao/fiquepordentro/?c=476>; 3) <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2011/09/28/sbt-corta-segundo-beijo-gay-em-amor-e-revolucao-mas-cena-caina-rede/>; 4) <http://diversao.terra.com.br/tv/noticias/0,,OI5383904-EI17517,00-SBT+corta+beijo+gay+de+Amor+e+Revolucao+diz+jornal.html>

³ “De mème que l’amour fut la con-

séquence du mariage, jusqu'à ce que le mariage devienne une conséquence de l'amour, de même l'amour est-il encore une conséquence de la procréation de la nouvelle génération, jusqu'à ce que s'installe l'état de choses inverse que l'on connaît aujourd'hui. Ces deux inversions révèlent bien clairement que l'évolution historique, partant de l'intérêt social et de la norme sociale, mène de plus en plus vers l'intérêt pour l'individu érigé en critère: le mariage représente l'intérêt social face à l'intérêt individuel de l'amour, et au sein d'une autre catégorie, l'existence et l'assistance de la nouvelle génération représente l'intérêt social face à l'affaire personnelle du mariage." (Simmel 1988: 4)

REFERÊNCIAS

- Amaral, T. 2011. *Falando de Amor: discursos sobre amor e práticas amorosas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Bourdieu, P. 1993. À Propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 1(100)32-36.
- Butler, J. 1990. *Gender trouble: feminism and the subversion of the identity*. New York: Routledge.
- Durkheim, E. 1975 Introduction à la sociologie de la famille, in *Textes. 3. Fonctions sociales e institutions*. Pp. 9-34 Paris: Les Éditions de Minuit (Disponível em : http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_1/socio_de_la_famille.html)
- _____. 1975. La famille conjugale, in *Textes III. Fonctions sociales e institutions*. Paris: Les Éditions de Minuit (Disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_2/famille_conjugale.html)
- Gontijo, F., J. P. Sousa, I. Evangelista. 2008. "Casar" ou "Ficar"? "Amar" ou "Se Apaixonar"? Amor e relacionamentos afetivos entre homossexuais de Teresina, in *Homossexualidades e Gerações*. Organizado por F. O. Barros Jr., pp. 11-28. Rio de Janeiro: Booklink.
- Mello, L. 1999. *Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- _____. 2005. *Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Simmel, G. 1988. Sur la sociologie de la famille, in *Philosophie de l'Amour*. Paris: Rivages.
- Uziel, A. P. 2002. *Família e homossexualidade: novas questões, velhos problemas*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. 2007. *Homossexualidade e adoção*. Rio de Janeiro: Garamond.

Recebido em 02/07/2011.

Aprovado em 10/09/2011.